

A Filosofia entre a forma e o modelo: Por uma Literatura Metafísica

Philosophy between form and model: For a Metaphysical Literature

PEDRO JOÃO DA SILVA BISNETO¹

Resumo: A contemporaneidade parece não ter conseguido compreender a profundidade que as mudanças, inerentes a ela, promoveram na forma estruturante da filosofia europeia/ocidental. Essa situação se mostra diante da dificuldade - e até mesmo total negação - na formulação de uma crítica ao cânone filosófico ou mesmo aos modos de entendimento daquilo que viria a ser o pensamento filosófico. Longe de, pretensiosamente, delimitar o que é - ou deveria ser - a filosofia contemporânea, analisaremos, nesse trabalho, como é possível estabelecer a relação entre filosofia e literatura num reverberar filosófico que não se constitui nem como subversão da filosofia, tampouco como inferiorização do pensamento estético. Para muito além de uma análise literária, encara-se como necessária uma reaproximação das áreas supracitadas, até mesmo repensando a possibilidade da formulação de uma análise filosófica como chave hermenêutica para a literatura, permitindo, assim, uma nova possibilidade de análise e uma situação de encontro entre dois ou mais autores.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Romance. Método.

Abstract: Contemporary times seem to have failed to understand the depth that the changes inherent to them have promoted in the structuring form of European/Western philosophy. This situation is demonstrated by the difficulty - and even total denial - in formulating a critique of the philosophical canon or even of the ways of understanding what would become philosophical thought. Far from pretentiously delimiting what contemporary philosophy is - or should be - we will analyze, in this work, how it is possible to establish the relationship between philosophy and literature in a philosophical reverberation that constitutes neither a subversion of philosophy nor an inferiorization of aesthetic thinking. Far beyond a literary analysis, a rapprochement of the aforementioned areas is seen as necessary, even rethinking the possibility of formulating a philosophical analysis as a hermeneutic key to literature, thus allowing a new possibility of analysis and a situation of meeting between two or more authors.

Keywords: Literature. Philosophy. Romance. Method.

Ao analisar os desdobramentos de inclusão e diversidade que perpassam a formulação dos estudos filosóficos contemporâneos, percebe-se, tristemente, uma

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2021). Atualmente é Doutorando em Filosofia pela UFRN, na linha de metafísica. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Kierkegaard, Dostoiévski, Teorias Decoloniais e Denise Ferreira da Silva. E-mail: 78.filosofia@gmail.com

ausência demasiada na produção significativa de trabalhos que abranjam essa demanda atual. Isso pode ser visto pela baixa quantidade de trabalhos, em alta qualidade, de filosofias negras, decoloniais, indígenas, circundantes às questões de gênero, dentre outras. Um dos motivos mais aparentes nessa ausência pode ser pontuado mediante ao tradicionalismo que permeia a formação filosófica brasileira, o que, por sua vez, pode ser visto tanto na ausência de diversidade dos corpos docentes, quanto no engessamento dos currículos de formação da academia brasileira. Obviamente que estabelecer essa crítica, ainda que de forma genérica e dentro da própria compreensão filosófica, pode parecer um erro argumentativo, no entanto, é preciso pontuar que esse movimento indica um comportamento restritivo das filosofias pertencentes ao cânone. Isso porque a história da filosofia europeia/ocidental é marcada pela defesa inconcebível de sua formulação canônica e de seus respectivos autores, demarcando a valorização de uma identificação das temáticas e objetos a serem recepcionados como aceitáveis a ela, considerando que a mesma desempenha um papel de validação da racionalidade e de tudo aquilo que se pode considerar filosofia.

Essa questão acaba sendo muito cara à academia brasileira, porque, ao exercer esse papel, a filosofia garante a si própria uma situação de afastamento de outras ciências humanas e uma retenção de si, o que a torna distante, em uma condição de intocável, e retirada de uma posição dialogal que, historicamente, a identificaria como possibilitadora de reflexão e análises que extrapolariam seus limites de tempo/geográficos/sociais. Essa demasiada “proteção” se percebe também em outras perspectivas, como na tentativa de promover uma clara aproximação entre o aprofundamento filosóficos e as diversas implicações literárias, seja colocando diretamente em diálogo dois autores e/ou duas ou mais obras de filosofia e literatura, respectivamente, ou, ainda, aproximando questões e temáticas que parecem ser próximas a autores e determinadas escolas literárias, observando-se, nesse ensejo, uma certa rejeição a essa avizinhação. Assim, diante da negação de novas temáticas e abordagens, junto ao repúdio ao diálogo com a literatura (e também com outras áreas das ciências humanas), encara-se um isolamento da filosofia que impede a profusão de uma linha de análise que rompa

com os limites estabelecidos pelo cânone ou mesmo pelo “modelo” de produção filosófica.

Obviamente que, apesar desse “repúdio” promovido pela tradição, alguns autores, ao longo da história da produção intelectual europeia/ocidental, se propuseram a “brincar” com essas definições canônicas e tomaram como objetivo o rompimento desses limites e, ao fazer isso, se colocaram como propositores de uma abordagem singular que recai sobre a linha tênue de divisão entre filosofia e literatura. E isso possibilitou tanto filósofos formularem conceitos em uma linguagem literária, ou mesmo partindo de enredos formulados em uma determinada concepção de literatura, quanto, também, literatos promoverem análises profundas acerca de temas e conceitos puramente filosóficos, mas revestidos de uma sutileza artística que as dotava de uma facilidade singular de compreensão. É impossível não pensar, na exemplificação dessas inserções, tanto na difícil, porém singular, transição entre as linguagens filosófica/literária que permeia a obra de pensadores que ficaram marcados por isso, como Camus, Sartre, Nietzsche e Simone de Beauvoir, como também na inevitabilidade de uma aproximação temática de autores que trazem consigo, na formulação de suas respectivas manifestações intelectuais, um reverberar histórico do impacto de seu pensamento, como pode ser visto nos possíveis e filosóficos diálogos identificados na leitura conjunta das obras de Soren Kierkegaard (1813 – 1855), Fiódor Dostoiévski² (1821 – 1881), Franz Kafka (1883 – 1924), Machado de Assis (1839 – 1908), Clarice Lispector (1920 – 1977) ou Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), todos caracterizados pela profundidade dos diálogos e pela abordagem de questões sensíveis à filosofia, sendo estes, inclusive, os autores que mais costumeiramente vejo sendo relacionados e repensados por filósofos(as).

Apesar desse contexto, é cabível mencionar que tal empreitada se reveste de algumas dificuldades, principalmente ao considerar que essa tentativa de aproximação, de dois tão complexos, com suas respectivas línguas de difícil compreensão e com uma obra vasta, permeadas de questões e problemas

² “um crítico russo, contemporâneo de Dostoiévski, acusava Os Karamázov de ser um tratado de filosofia dialogado e não um romance” (De Beauvoir, 1965, p.94)

aparentemente tão distintos entre si, põe em diálogo duas manifestações distintas da razão ocidental. Dito isso, pontuamos, em primeiro lugar, que o fundamento de uma aproximação desse tipo precisa ser puramente teórico, não importando, especificamente, se houve ou não um contato recíproco (ou de uma das partes) com as obras uns dos outros. Isso é crucial porque, havendo um contato prévio entre os autores, podemos estabelecer ou uma influência ou mesmo uma tentativa de continuidade entre as questões a serem abordadas, demonstrando que as possíveis similaridades entre obras distintas são reflexo de uma abordagem permeada de preocupações circundantes à época, estilo ou incômodos dos autores.

Ademais, em segundo lugar, é preciso pontuar que essa aproximação passa longe de ser uma tentativa de colocar a filosofia e a literatura numa mesma caixa, como se tudo fosse a mesma coisa. Não quero fazer parecer aqui que essas duas áreas não são distintas entre si, sendo importante esclarecer que tomo como ponto de partida uma compreensão filosófica dessa aproximação – ainda que seja importante, logo mais, delimitar o que essa compreensão filosófica significa –, não transformando a literatura em um serviço à filosofia, mas determinando que em uma análise de aproximação, a subordinação estará implicada pelo olhar conglomerador, um olhar que toma a filosofia como ponto de partida. Dessa forma, é também possível tomar o referencial filosófico como auxiliar para uma análise literária, sendo isso que, muitas vezes, faz a literatura comparada, mas essa abordagem, que isso esteja claro, não pode ser confundida com a filosofia. Por conseguinte, partimos de uma aproximação marcada, profundamente, pela aproximação da literatura e da filosofia como uma maneira de compreender os desdobramentos que esse texto literário permite ao ser lido para além da própria literatura.

Outrossim, em terceiro lugar, é preciso entender que a filosofia, ainda que objeto prioritário da análise, tem que dividir seu local de análise prioritária, o que gera uma importante questão: como a filosofia lida com o exercício de uma análise dividida, na qual a sua profundidade precisa, de certa forma, ser compartilhada com um texto muito mais chamativo e sem as amarras do método filosófico? A resposta a essa posição perpassa o reconhecimento de que há uma visão deveras antiquada acerca da relação entre a filosofia e a literatura, e isso claramente se dá mediante um fomento da cânone filosófico e suas tendências excludentes. Isso é bem identificado no fato de os filósofos, ao longo do tempo, sempre terem visto o

fazer literário, tal qual aponta Deleuze, como a produção de “uma literatura menor”, ou melhor, como a produção de uma abordagem artística que, por mais bela que fosse, não se igualaria jamais à importância da análise filosófica. Aparentava-se a formação de um conflito quase que natural. A Filosofia – isso parece muito claro –, abomina a literatura na mesma medida que aceita sua existência, reconhecendo, entretanto, sua indiscutível inferioridade. E, exatamente por isso, a filosofia, como aponta Lukács (2000, p.25), acaba se revestindo de um certo tipo de autoridade que a classifica como uma espécie de doadora de conteúdo da criação literária, estabelecendo-se enquanto o modelo de determinação de sua forma. Ou seja, tudo que provém da literatura se constitui como uma mera consequência nascida de uma “superioridade” filosófica, que devido a essa “arte de formar, inventar, de fabricar conceitos” (Deleuze, 2010, p.9), moldará e definirá os rumos disso que definimos como produção literária. Isso significa que a literatura não passaria, nessa perspectiva, de uma simples corrupção da filosofia, no sentido platônico³ de uma cópia permeada de imperfeições e impossível de atingir a grandiosidade do original^{4,5}.

Em O texto da filosofia e a experiência literária, o professor Manuel Gusmão afirma que, a partir dessa subalternidade literária – e a impossibilidade de rompimento dessa condição –, “o que encontramos é uma configuração da suspeita, da vigilância e da acusação da poesia, pela filosofia” (2003, p.239), assumindo “uma vontade de constituir uma espécie de tribunal da razão, que

5

3 É válido apontar em Platão a expulsão dos poetas de sua República como, de certa forma, a cisão inaugural entre a filosofia e a literatura. Ainda que os fossem tidos como fonte de exemplo no qual se baseava toda a formação e cosmovisão do povo grego, os poetas viviam “envolvidos por um longo e múltiplo movimento de suspeição e acusação [...] dos seus erros, e da poesia que é mesmo tomada como mentira por palavras” (Gusmão, 2003, 239) E Platão assim o faz, estabelecendo como desimportante o caráter pedagógico dos poetas, por entender a filosofia como morada do âmbito intelectual, enquanto a segunda não passa de uma atividade puramente passional, que até quando se propunha ao ensino, indicava uma mera “produção de ilusões sedutoras mas enganadoras, constituem fábulas falsas, errôneas ou mentirosas” (Gusmão, 2003, 239). Claro que não se trata de uma contrariedade pessoalizadas, tanto que essa visão, completamente distorcida, se mantém até a contemporaneidade, porque fazemos questão de enxergar uma manifestação artística como aceitável somente quando ela for “submetida a vigilância filosófica das verdades” (Badiou, 2002, p.13)

4 “Nas origens, existe o repúdio sustentado por Platão acerca do poema, do teatro, da música. De tudo isso, deve-se dizer que o fundador da filosofia, evidentemente refinado e conhecedor de todas as artes de seu tempo, só dá importância, na República, à música militar e ao conto patriótico.” (Badiou, 2002, p.11).

5 Aqui não se trata mais de tomar a filosofia como método de análise da relação literatura-filosofia, mas se trata de negar a possibilidade de uma outra forma de análise, considerando que a literatura se manifesta como inferior, corrompida e insuficiente em comparação com o pensamento filosófico, aquele que é responsável por delimitar o que é ou não é válido.

tutelaria o domínio literário” (Gusmão, 2003, p.247). Por isso que, ao se propor como o definitivo “tribunal da razão”, a filosofia coloca (ou tenta demonstrar) toda sua superioridade para com a produção artística e, principalmente, para a literatura. A filosofia acaba sendo compreendida como um tipo de responsável pela decisão e conclusão da validade ou não-validade do fazer literário na mesma medida que se mostra como responsável por tutelar à racionalidade e as reverberações desta, desde as perspectivas políticas, às compreensões epistemológicas/metafísicas e principalmente as manifestações artístico/literárias. Ainda que essa visão de uma literatura subalterna à filosofia seja recorrente, ela não é definitiva, muito menos consensual. Mesmo porque a produção artística, enquanto uma produção intelectual, é vista por muitos como uma realidade permeada de maior complexidade⁶, tendo em vista seu nascimento da própria subjetividade, o que significaria que ela seria mais difícil de produzir, de compreender totalmente e, principalmente, de fazer sentido. É nesse contraponto que a produção artística passa a encarar a filosofia como decepcionante, tanto pelo fato de ser “um alvo constante das críticas dos filósofos, quanto por sua inacessibilidade” (Badiou, 2002, p.12), o que a coloca num pedestal, longe de tudo e de todos. Obviamente que não se pode encarar toda a relação filosofia-literatura com uma visão simplista e maniqueísta, não se trata de uma defesa de uma das duas. Mesmo porque toda essa questão não pode se resumir ao grau de dificuldade de compreensão da produção literária e/ou filosófica, ou mesmo sua capacidade de comunicação, como se toda essa questão se dividisse simplesmente “entre idolatria e censura” (Badiou, 2002, p.12).

Buscando compreender outros caminhos em toda essa discussão, o filósofo Alain Badiou, em seu Pequeno manual de inestética, aponta a existência de três modelos sob os quais a produção artística se entrelaça com a filosofia. São eles o didático, o romântico e o clássico. O primeiro, sobre o qual já discorremos no início do texto e que, simbolicamente, tem sua cisão inicial em Platão, encara a literatura em um viés de subalternidade, como “a aparência de uma verdade infundada, não argumentada, de uma verdade esgotada em seu estar-aí” (Badiou, 2002, p.12), e o ponto de maior gravidade nesse esgotamento do fazer literário está na incapacidade à própria verdade. Isso significa que somente a filosofia, quando

6 Porém, deve ser considerado que a filosofia busca responder, tal qual apontam Deleuze e Guattari, que “as ciências, as artes e as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para conceitos. Eles devem ser inventados fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam” (Deleuze, 2010, p.12).

entendia como avaliadora e responsável por validar a racionalidade alheira é quem pode alcançar a verdade e fugir dos simulacros criados pelas mais diversas manifestações literárias, como se a criação artística, seja da linguagem poética, seja da prosa, criasse um muro na validação da verdade. Muro este que somente a filosofia poderia derrubar, alcançado seu sentido transcendental. É importante apontar ainda que, mesmo diante dessa desigualdade de importância, a filosofia e a literatura ainda se encontrariam, só que esse contato se daria na medida do pensamento filosófico enquanto “modalidade de uma vigilância educativa” (Badiou, 2002, p.15).

As limitações dessa primeira abordagem já indicam a impossibilidade de sua aceitação, o que nos traz ao modo romântico, que, em oposição a tudo que discutimos até aqui, se mostra como uma inversão da superioridade. Assim, se no primeiro momento Badiou aponta um favorecimento da grandeza filosófica, aqui ele analisa as posições que conferem à literatura uma condição de inalcançável, considerando a produção literária como

apta à verdade. E que, nesse sentido, ela realiza o que a filosofia pode apenas indicar. [...] A filosofia pode muito bem ser o Pai afastado e impenetrável. A arte é o Filho sofredor que salva e reergue. O Gênio é crucificação e ressurreição. Nesse sentido, é a própria arte que educa, porque ensina o poder de infinidade contido na coesão supliciada de uma forma. A arte entrega-nos a esterilidade subjetiva do conceito. A arte é o absoluto como sujeito, é a encarnação. (Badiou, 2002, p.13)

A terceira via, por sua vez, se apresenta como uma suposta bandeira de paz entre arte e filosofia. O esquema Clássico, ao tentar selar uma reconciliação, aponta a inexistência de qualquer tipo de problema em reconhecer e encarar a produção artística como um elemento de ordem mimética, não tendo compromisso nenhum com a verdade. Na verdade, não há demérito algum nisso e essa condição precisaria ser valorizada como forma de proteção ao texto literário. Isso significa que, de antemão, que essa situação de não aptidão a verdade não pode ser vista como uma crítica – o que se encontra no modelo didático –, e mesmo reconhecendo que a crítica, de certa forma, se aproxima da crítica inicial, o modo clássico não pode supor o didático e a distinção desse encontro se localiza na inversão da crítica platônica. O que isso quer dizer? Por mais que o autor grego difunda a crítica da

impossibilidade de diálogo arte-verdade, essa crítica se confunde com o âmbito de existência da própria arte, que não tem, de forma alguma, a verdade como sua correspondente, tampouco como objetivo. É por isso que o que parece ser um retorno a uma realidade deslegitimada da literatura, engana, pois ainda que essa fosse a mesma crítica de Platão para com os poetas, o seu erro já é mais fácil de ser localizado, pois ele é qualitativo, já que “a arte tem uma função terapêutica, e de maneira alguma cognitiva ou reveladora” (Badiou, 2002, p.14). Pelo contrário, suas “funções” seriam simplesmente de agradar e permitir o processo de imaginarização, de levar a mente humana para além do real, o que prova que sua preocupação não é com a verdade, mas para com a verossimilhança e reverberações dessa na criação de novas existências possíveis, estando, nessa delimitação, “a paz entre arte e filosofia” (Badiou, 2002, p.15). O que isso significa? Significa que a “arte não é um pensamento, mas um serviço” (Badiou, 2002, p.15), e que, como tal, precisa de um registro, sendo este o imaginário, lugar onde o receptor dará significado à obra⁷.

É nesse ensejo, entretanto, que precisamos pontuar uma única questão: indicar, por exemplo, em Dostoiévski, em Clarice Lispector ou em Carolina Maria de Jesus, suas impossibilidades, ainda que qualitativa, em buscar a verdade, pode até não ser um demérito, mas indica um certo desconhecimento das faculdades do texto literário. Sendo mais claro: ainda que esse argumento, em defesa do classicismo, tenha certa validade, é justo reconhecer que o mundo contemporâneo já não pode ter seus movimentos artísticos subjugados por tais princípios. O modelo literário que só se resumia a uma busca pela imaginarização parece ser

8

⁷ Diante desses esquemas, percebe-se uma sutil proximidade entre cada um dos três modelos. Mas o que parece uma certa proximidade, constitui-se também enquanto diferença. Por exemplo: o modelo romântico não seria também, e por própria definição, uma manifestação de caráter formativo da arte?! Por mais que a resposta a essa pergunta seja afirmativa, esse encontro com a educação não é suficiente para torna-la igual aos outros esquemas, ainda que todos se relacionem com o processo formativo, principalmente porque seus direcionamentos são distintos. O romantismo educa a partir da realização daquilo que a complexidade filosófica torna distante, graças a sua deslealdade. O classicismo, a formação recai sobre o próprio objeto artístico, enquanto que a filosofia não se direciona a ele, tanto porque não deve, quanto por não se interessarem debruçar-se sobre ele. À ela resta pensar o juízo que recai sobre a arte e suas compreensões e desdobramento dos juízos.

insuficiente para dar conta daquilo que se desenvolveu, ao longo dos últimos séculos, enquanto literatura. Da mesma forma que não se reconhece uma subalternidade da arte diante da filosofia, não se pode produzir também um distanciamento estruturalmente intransponível, principalmente considerando que ele tende a “produzir hoje uma espécie de desenlaçamento dos termos, um desrelacionamento desesperado entre arte e a filosofia, bem como a queda pura e simples do que circulava entre elas” (Badiou, 2002, p.18). Agora, é necessário mencionar que esse rompimento nasce, conforme afirma Badiou, do desejo de preservação que a Filosofia desenvolve em seu lugar, se preservando enquanto intocável, como uma coisa que não aceitaria ser substituída, o que se repete com a arte - no caso, na forma de se colocar como mantenedora de uma função não alcançada pela filosofia - e incluso aqui a produção literária, ao se perceber como “irredutível à filosofia” (Badiou, 2002, p.21). O que se pode afirmar é que há um desejo pela manutenção dessa dicotomia, um tipo de divisão, não estilística ou de modelo, mas que fazem dos lugares destinados à filosofia incongruentes para com aqueles destinados a literatura⁸. Por isso que, para além de um esquema, modelo ou diálogo, este trabalho se propõe a analisar, rapidamente, uma tradicional tentativa (por vezes até soberba) de reconciliação entre a literatura e a filosofia, ainda que esta mantenha certa distância entre os termos. Para que essa aproximação seja possível, é preciso entender: se há uma cisão e uma necessidade de reaproximação, quais as diferenças fundamentais entre essas duas linguagens? Porque esse reaproximação, ao acontecer, não pode descaracterizar as especificidades de cada uma dessas linguagens? Como fazê-las dialogar?

Em uma tentativa de encontrar respostas tão coerentes quanto suficientes a essas questões, é importante deixar claro que nosso objetivo não é fazer ou ao menos tentar demonstrar que, por exemplo, as produções de Kierkegaard se constituem como semelhantes às de Dostoiévski, ou mesmo que as profundidades de Machado Assis e de Nietzsche, em suas abordagens do niilismo, possam ser

⁸ “Não parece que o desejo de propor um esquema de entrelaçamento filosofia/arte, que não seja nem clássico, nem didático, nem romântico, seja compatível com a manutenção da obra como unidade pertinente de exame da arte sob o signo das verdades da qual ela é capaz” (Badiou, 2002, p.23)

anuladas pela manifestação de conceitos similares. Ainda que tentemos fazer uma leitura filosófica dos conceitos em Clarice Lispector, sempre será valorizada a diferenciação entre suas produções, pois entende-se que suas peculiaridades também são resultado dos diferentes projetos nos quais cada autor se empenhou. A filosofia e a literatura, por sua vez, se distinguem bem, e “mesmo considerando uma convergência final de arte e filosofia, dever-se-ia rejeitar toda e qualquer estetização do procedimento filosófico” (Adorno, 2010, p.43).

O que se deve compreender, então, é que a literatura não é “uma reconstrutora intelectual da sua experiência” (De Beauvoir, 1965, p.81) do mesmo modo que a filosofia não reconstitui essa experiência num plano imaginário” (De Beauvoir, 1965, p.81). Por mais que Badiou teça críticas⁹ a esse papel clássico (e compreensíveis, porque o imaginário não é o único lugar de validade da arte), é esse papel do imaginário que confere “valor a um bom romance. Ele permite efetuar experiências tão completas, tão inquietantes como as experiências vividas” (De Beauvoir, 1965, p.81), e essa aproximação entre realidade e ficção é primordial ao desenvolvimento das nossas análises. É claro que existem elementos que justificam esse distanciamento entre as áreas. Estes, contudo, não podem impedir seu diálogo. Se a filosofia “é a disciplina que consiste em criar conceitos” (Deleuze, 2010, p.13), para costurar esse diálogo literato-filosófico, precisamos identificar como o romance se relacionaria com o conceito propriamente dito em seu contexto de existência.

Portanto, conforme Simone De Beauvoir, é preciso aceitar e reconhecer a possibilidade de o texto literário respeitar, utilizar, ou mesmo se apropriar de conceitos (não esqueçamos que o conceito, por não ser objeto do fazer literário, pode aparecer para exercer alguma função requerida pelo autor), sendo que, normalmente, esse uso acaba por interromper o “prosseguimento do romance e demonstre muito mais a face de seu autor” (De Beauvoir, 1965, p.82). Isso não

⁹ “A arte é pensada como aquilo que organiza apenas o objeto do desejo, o que é simbolizável, seja ele subtraído do próprio auge de uma simbolização. A obra faz desvanecer, em seu aparato formal, a cintilação indizível do objeto perdido, pelo que ela prende a si, irresistivelmente, o olhar ou o ouvido daquele que a ela se expõe.” (Badiou, 2002, p.18)

ocorre porque a literatura é insuficiente para abarcar um conceito filosófico, mas, normalmente, porque a autor do texto apresenta um problema de linguagem para manter o conceito e a literatura de mãos dadas. A incompreensão desse fato gera uma certa apreensão que transforma o romance em um mero tratado da linguagem, ou seja, quão mais difícil é a leitura de um texto, mais artístico e belo ele seria, mesmo que a dificuldade esteja vinculada ao uso de conceitos mal empregados e com uma desnecessária necessidade de incompreensão. O romance, enquanto manifestação artística, “um romance não é um objeto remanufaturado e é mesmo pejorativo dizer que é fabricado” (De Beauvoir, 1965, p.83). Não se trata de como ele vai soar filosófico, difícil ou mesmo duro, mas de reconhecer que a literatura tem vida própria e que sua relação com a filosofia precisa ser aproximada mediante a própria naturalidade da escrita. Por isso mesmo que puramente levar a experiência conceitual ao plano do imaginário é insuficiente à construção de uma grande obra literária, ou melhor: a literatura não pode parecer um simples tradutor artístico daquilo que os filósofos pensaram ou se propuseram a fazer.

Agora, isso também não significa que a literatura deve simplesmente “mascarar com um revestimento fictício, mais ou menos colorido, uma armadura ideológica previamente construída” (De Beauvoir, 1965, p.86), como se o objeto artístico devesse ser pobre, revestido de camadas e personagens, mas sem nenhum indício de aprofundamento nos temas e conceitos abordados pelo autor. Nosso ponto aqui não é querer, a todo tempo, transformar o texto literário em um tratado filosófico¹⁰, pois, como já foi mencionado anteriormente, ainda se trata de duas linguagens distintas e é inconcebível pensar a produção literária como um simples invólucro complexo de conceitos filosóficos, mas também não nos empenhamos em identificá-lo como pobre e subserviente a tudo que a filosofia produzir¹¹. O que devemos compreender é que o texto literário traz consigo uma grandiosidade que,

11

¹⁰ “Repudiar-se-á o romance filosófico se definirmos a filosofia como um sistema completamente constituído e bastando-se a si próprio”. (De Beauvoir, 1965, p.86)

¹¹ “Depois de ter pensado o universo através de Spinoza ou Kant, perguntava-me: ‘como se pode ser suficientemente fútil para escrever romances?’. Mas quando abandonava Julian Sorel ou Tess d’Uverville, parecia-me vão perder tempo a fabricar sistemas. Onde se situava a verdade? Sobre a terra ou na eternidade? Sentia-me em dívida. (De Beauvoir, 1965, p.79)

ainda que nos atinja de um modo completamente diverso do texto filosófico, não o deixa de fazer. Nesse viés, compreende-se que a costura entre filosofia e literatura é demasiadamente difícil, já que as produções se enxergam como impossíveis de diálogo. Mas exatamente essas obras, que trocam mútuos olhares e não se veem como infinitamente distantes, aparecem como “uma autêntica aventura espiritual. É essa autenticidade que distingue uma obra verdadeiramente grande de uma obra simplesmente hábil” (De Beauvoir, 1965, p.85), podendo caracterizá-la como uma verdadeira literatura metafísica.

Antes da definição do que viria a ser esse tipo de literatura, partimos da compreensão básica de que não há fórmula que estructurem essa relação filosofia/literatura (De Beauvoir, 1965, p.84) e de que, se entendermos a filosofia como “um sistema completamente constituído e bastando-se a si próprio” (De Beauvoir, 1965, p.86), não haverá diálogo possível. Dessa forma, indicamos uma análise daquilo que se formula como uma literatura metafísica, em primeiro lugar, como a mais pura manifestação de “uma singularidade concreta” (De Beauvoir, 1965, 87) que se materializa num romance. Para além das definições tipológicas do romance, precisamos nos empenhar no desvelar de sua condição metafísica, que aqui se estabelece não enquanto uma filosofia, mas como a realização da “atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo (De Beauvoir, 1965, p.87), ou seja, trata-se de um processo de desvelar de si próprio que se revela numa busca de compreensão daquilo que não sou eu, que é exatamente o movimento possibilitado pelos grandes tratados da literatura, semelhante ao promovido pela filosofia. Não se pode, contudo, confundir a literatura metafísica com um simples processo de autodescoberta, ou mesmo de encantamento com os tratados psicológicos contidos no texto literário. Um bom exemplo de como ocorre essa diferente está na formulação de abordagens que extrapolam o simples sentido do eu, já que eles permitem analisar e colocam em questão temas que superam

a sua presença no mundo, o seu abandono, a sua liberdade, a opacidade das coisas, a resistência das consciências estranhas; através das suas alegrias, tristezas, resignações, revoltas, os seus medos e suas esperanças, cada homem realiza uma certa situação

metafísica que o defina muito mais essencialmente do que qualquer das suas aptidões psicológicas

Agora, como se produziria esse tipo de literatura? Partiremos, desde já, da negação da literatura como elucidação das teorias filosóficas, mesmo porque “seria absurdo imaginar um romance aristotélico, espinozista ou mesmo leibnitziano, pois nem a subjetividade nem a temporalidade têm um lugar real nesses metafísicas” (De Beauvoir, 1965, p.89). Não é possível pensar esse tipo de literatura vinculado a todas as correntes oriundas dessa oposição que analisamos nas páginas anteriores, somente sendo possível repensá-la metafisicamente a partir de um “esforço para conciliar o objetivo e o subjectivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico” (De Beauvoir, 1965, p.92). Para além de romper como os meros limites da definição de sua forma, a literatura metafísica sempre partirá da urgência da “descoberta da existência de que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente” (De Beauvoir, 1965, p.94), desviando de uma pobre delimitação de gênero literário, mas agarrando-se no evocar “na sua unidade viva e na sua fundamental ambiguidade viva” (De Beauvoir, 1965, p.95), como se aqui a urgência estivesse no “esforço para elucidar o sentido universal numa linguagem abstrata” (De Beauvoir, 1965, p.88), buscando, incessantemente, “reter o aspecto subjetivo, singular e dramático da experiência” (De Beauvoir, 1965, p.89).

Nessa senda, tomamos esse trajeto como base para reconhecer que, mesmo que essa aproximação entre filosofia e literatura não seja uma novidade, boa parte da crítica se propõe a “examinar as obras literárias, fazendo-as concordar com diretrizes filosóficas, ou utilizando a sua voz como uma segunda voz que serve para ilustrar” (Souto Maior, 2017, p.15), escancarando sua defesa da condição de subalternidade-superioridade da relação filosofia-literatura. Exatamente pelo percurso que fizemos até aqui, reconhecemos que traçar um mero objetivo semelhante a esse, se constitui enquanto insuficiente. É por isso que, distanciando-nos de tais errantes objetivos, propõe-se aqui, não o reconhecimento da não igualdade dos textos, mas algo que vá além disso. Faz muito mais sentido, retornando aos nossos exemplos anteriores, colocar Kierkegaard e Dostoiévski lado a lado, examinar a produção filosófica do primeiro para estabelecê-la como uma

chave hermenêutica, buscando encontrar similaridades com a produção literária (nesse caso, com suas preocupações metafísicas) e fazê-las dialogar de forma plena. É por isso, inclusive, que não se vale pensar em caracterizar os filósofos e literatos como simples pensadores ou comunicadores, não havendo interseção entre suas atividades. E é assim que retornamos às perguntas feitas na seção anterior se há uma cisão e uma necessidade de reaproximação, quais as diferenças fundamentais entre essas duas linguagens? Porque esse reaproximação, ao acontecer, não pode descaracterizar as especificidades de cada uma dessas linguagens? Como fazê-las dialogar?

O pontapé inicial nessa relação de respostas se mostra mediante o fato de a filosofia precisar se apresentar como disponível para interpretar seus conceitos junto à literatura, indicando, junto a isso, a tentativa de compreender as reflexões existenciais/sociais/psicológicas advindas de suas possíveis interpretações. Mesmo porque, consistindo nosso olhar numa análise metafísica, o que mais gera interesse em todo esse processo de observação não é uma estrutura ou mesmo uma fórmula que permita o diálogo entre as duas produções, mas sim identificar essas significações metafísicas inerentes a existência humana¹². Cabe ressaltar, inclusive, que esse exercício só é possível porque, contemporaneamente, a filosofia não está mais destinada à obediência pura e cega a uma forma ou a uma sistemática de produção. A modernidade, que já permitira ao romance, conforme afirma Lukács (2000, p.25), uma reordenação em sua produção, também alcançou a filosofia. Ou seja, da mesma forma que hoje podemos discutir e colocar em debate a análise de uma outra literatura, também o podemos fazer diante de uma outra filosofia, não se tratando, obviamente, de uma nova filosofia, mas de uma aplicação do método filosófico às questões dantes subalternizadas e escanteadas. Isso significa que

O princípio criador de gêneros que se tem em vista aqui não exige, porém, nenhuma mudança de mentalidade; antes, força a mesma mentalidade a orientar-se por um novo objetivo, essencialmente

¹² “Na realidade, << fazer>> metafísica é <<ser>> metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo. Todos os acontecimentos humanos possuem, para além dos seus contornos psicológicos e sociais, uma significação metafísica pois que, através de cada um deles, o homem empenhou-se sempre inteiramente num mundo completo: e, sem dúvida, não há ninguém que não se tenha descoberto em qualquer momento da sua vida” (De Beauvoir, 1965, p.87-88).

diverso do antigo. Significa que também o antigo paralelismo entre estrutura transcendental no sujeito configurador e no mundo exteriorizado das formas consumadas está rompido, que os fundamentos últimos da configuração foram expatriados. (Lukács, 2000, p.37)¹³.

O próprio Lukács, na verdade, ao longo de todo o livro *A teoria do romance* chama atenção a essa guinada das produções intelectuais modernas. Os objetivos e elementos constituintes da produção literária mudaram (tal qual os da filosofia, das ciências e da nossa sociedade como um todo), e essa mudança, fruto das tendências humanistas¹⁴, ainda que mantenha o homem como objeto central, gera um interessante movimento na produção literária, que permite, por assim dizer, nosso encontro com a diversidade do texto literário (esta entendida como consequência direta da morte da epopeia¹⁵, o que permite a mudança estrutural da ordem romanesca, sua disposição de personagens e sua construção de protagonistas, heróis e enredos) e, também, com a diversidade dos mais diversos temas que, de repente, puderam adentrar no campo daquilo que é aceitável como filosófico. Isso

¹³ Obviamente que não se pretende apontar um erro estrutural na concepção de desenvolvimento histórico da filosofia, tanto que se continua a manter um determinado “padrão” da linguagem e produção filosófica. Por isso, é crucial enfatizar a preocupação em constituir todo esse trabalho como uma reflexão filosófica, pois, recentemente, como afirma Deleuze, “a filosofia cruzou com muitos novos rivais. Eram a princípio as ciências do homem, e notadamente a sociologia, que desejavam substituí-la” (Deleuze, 2010, p.17). Assim, é primordial manter isso a que chamo de “padrão”, que consiste na preocupação em guiar a reflexão ao lugar “onde o conceito e a criação se remetem um ao outro” (Deleuze, 2010, p.19). Por isso, apesar do diálogo, a filosofia, enquanto mecanismo de interpretação de uma realidade, aliada a uma produção característica de conhecimento e reflexão, não permitiria que essa discussão fosse conduzida em um âmbito que não a própria filosofia

¹⁴ “Por humanismo pode-se entender uma teoria que toma o ser humano como fim último e como valor supremo” (Sartre, 1978, p.42)

¹⁵ Nos referimos a “morte da Epopeia” como um acontecimento importante na concepção do romance não somente por causa de sua importância histórica ou mesmo das preocupações inerentes ao seu tempo. Mesmo porque “[n]ão é a falta de sofrimento ou a segurança do ser que revestem aqui homens e ações em contorno jovialmente rígidos (o absurdo e a desolação das vicissitudes do mundo não aumentaram desde o início dos tempos, apenas os cantos de consolação ressoam mais claros ou mais abafados), mas sim a adequação das ações às exigências intrínsecas da alma: à grandeza, ao desdobramento e à plenitude”. (Lukacs, 2000 p.26). Obviamente que essas mudanças, para autores existencialistas, desembocam no próprio existencialismo, que primava pela literatura como elemento fundamental a sua construção, principalmente porque consideram-no um “esforço para conciliar o objetivo e subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico” (De Beauvoir, 1965, 91)

pode ser melhor compreendido ao perceber que apesar de o fim daquilo que o ocidente configura como método filosófico – o reverberar do método cartesiano enquanto desenvolvimento das reverberações canônicas da modernidade enquanto um projeto de humanidade totalizante/normativo – não estar posto¹⁶, há um claro e urgente deslocamento de objetos antes desimportantes ao próprio cânone – como o corpo, a identidade, a racionalidade negra – e que passam a figurar enquanto posições centrais para filósofos que se preocupam em produzir suas obras de forma impreterivelmente filosófica, rompendo com o lugar de passividade e/ou de não importância construído pelo modelo de filosofia produzido pelo padrão europeu/ocidental.

Ainda sobre essa mudança do texto literário, podemos afirmar que ela se deu muito devido à essa problematização do herói clássico, que partia de uma representação tão cara aos gregos e seus personagens imbuídos de divindades¹⁷, precisando encontrar o “não drama” para que se estabelecessem novas perspectivas, e estas, desembocaram naquilo que se estabelece enquanto uma literatura metafísica, permeada de heróis que encaram seus fracassos e diante deles constituem seus traços psicológicos e se aprofundam na questões mais problemáticas de sua gênero. Diante disso, temos exatamente a compreensão que, semelhante às alterações literárias, essa expansão dos limites da produção filosófica aconteceu e possibilitou que seja possível, hodiernamente, pensar não só a literatura como elemento constituinte da e coparticipe da produção filosófica, mas também uma abrangência temática que, até pouco tempo, não estaria disponível nem, tampouco, caracterizada como filosófica. Entretanto, é pertinente pontuar que essa mudança qualitativa não se limitou simplesmente à forma e à

¹⁶ tanto o é que a filosofia continua, tradicionalmente, ligada à questões que perpassam séculos e que, muitas vezes, necessitam de respostas complementares que nascem em autores que atravessam diversas gerações, o que prova, por sua vez, que essa filosofia, realmente, não está morta, já que se mantém, intensamente, como produtora de sentidos e reflexões.

¹⁷ “Quando a alma ainda não conhece em si nenhum abismo que a possa atrair à queda ou a impelir a alturas ínvias, quando a divindade que preside o mundo e distribui as dádivas desconhecidas e injustas do destino posta-se junto aos homens, incompreendida mas conhecida, como o pai diante do filho pequeno, então toda a ação é somente um traje bem-talhado da alma.” (Lukacs, 2000, p.26)

organização dos textos, mas estendeu-se também à própria estrutura dos pensamentos. E assim, “a completa transformação do conceito de vida e sua relação com a essência também modificaram” (LUKÁCS, 2000, p.39) o romance¹⁸ e as ocupações filosóficas e, junto a isso, os filósofos, de tal forma que corpos, que anteriormente nem pertenciam a condição de racionalidade, passaram a ocupar – mesmo que em um número demasiadamente pequeno nas universidades brasileiras, conforme o professor Fernando de Sá Moreira¹⁹ -, passaram também a desenvolver sua posição de pensadores, identificando por completo aquilo que Lukács atesta como uma “completa transformação do conceito de vida” (Lukács, 2000, p.39), inerente à produção literária e filosófica de nossos tempos, de forma que essa transformação remonta a uma crítica direta à “própria ideia de ‘reconstrução’ do mundo e da sociedade deflagrada pela [...] aposta humanista-naturalista” (Pondé, 2003, p.15), característica à modernidade, que, no que lhe diz respeito, consistindo numa reflexão na qual “seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-a à prova, encontrar a sua própria essência” (Lukács, 2000, p.91), longe dos “vícios” da antiguidade e do medievo, como se todos os problemas fossem resolvidos nessa nova re-invenção do mundo comum²⁰.

Portanto, é nessa configuração que podemos reconhecer que “a experiência filosófica está longe ser incompatível com as exigências do romance” (De Beauvoir, 1965, p.91), o que nos permite, inclusive, delimitar, definitivamente, o que também

¹⁸ “A tragédia, embora transformada, transpôs-se incólume em sua essência até nossos dias, ao passo que a epopeia teve de desaparecer e dar lugar a uma forma absolutamente nova, o romance.” (Lukács, 2000, p.39)

¹⁹ https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Dialogos_168_Anpo.pdf

²⁰ “Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico provoca uma descoberta da existência que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente; longe de ser, como se pretendeu por vezes, um desvio perigoso do gênero romanesco, parece-me, pelo contrário, na medida em que é conseguido, a realização mais perfeita pois se esforça por apreender o homem e os acontecimentos humanos nas suas relações com a totalidade do mundo, pois só ele pode ter êxito no que fracassa a pura literatura como a pura filosofia: evocar, na sua unidade viva e na sua fundamental ambiguidade viva, esse destino que é o nosso e que se inscreve de uma só vez no tempo e na eternidade” (De Beauvoir, 1965, 94).

chamam atenção ao texto literário²¹, porque ainda que as preocupações se mostrem metafísicas, o fazer literário continua diferente da produção filosófica, e essa diferença é responsável por significar as possibilidades de aproximação e reconciliação de duas das maiores manifestações da racionalidade humana. Na verdade, para que continue fazendo sentido, a própria configuração dessa “outra” filosofia implica o reconhecimento de uma multiplicidade metodológica que, ao compor, por definição, um mesmo exercício filosófico que se fundamenta no reconhecimento e na continuidade de tudo aquilo que já foi produzido e que permanece em discussão na academia, se percebe enquanto profusos e distintos ecos de uma produção clássica, sem perder nem a ligação com sua origem, tampouco seu reverberar histórico de inevitabilidade e, obviamente, as novas possibilidades que a contemporaneidade a permite criar, interferir e modificar.

Referências

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: M. Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor W. Kierkegaard: construção do estético. São Paulo: Unesp, 2010.

BADIOU, Alain. Pequeno Manual de Inestética. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CAMUS, A. O mito de Sísifo. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2018.

DE BEAUVOIR, SIMONE. O existencialismo e a Sabedoria das Nações. Tradução Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Editorial Minotauro, 1965.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DOSTOIÉVSKI, F. *Os Irmãos Karamázov*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2012.

GUSMÃO, Manuel. O texto da Filosofia e a experiência literária. Scripta: Linguística e Literatura. Belo Horizonte, v. 7, n. 12, jan.-jul. 2003, p. 235-257.

LUKÁCS, George. A teoria do romance. São Paulo: 34, 2000.

²¹ “Que não se pretenda mais do que uma personagem definida pela sua dimensão metafísica: angústia, revolta, vontade de poder, medo da morte, fuga, sede de absoluto, seja necessariamente mais rígida, mais fabricada do que um avaro, um poltrão, um ciumento, que traços psicológicos caracterizam”. (De Beauvoir, 1965, p.92)

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: 34, 2003.

SOUTO MAIOR, Patrícia Silva. *O devir da angústia: um diálogo entre Kierkegaard e Dostoiévski*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto: Programa de Pós-Graduação em Estética e Filosofia da Arte. Ouro Preto, 2017.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia*. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

Submissão: 09. 11. 2023

/

Aceite: 20. 02. 2024